



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## JUSTINO MARTINS: UM COMUNISTA NO COMANDO DA REVISTA DO GLOBO (PORTO ALEGRE/1939-1947)

Marisângela T. A. Martins\*

1

O presente texto trata de Justino Martins, um jornalista natural da cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, que dirigiu a *Revista do Globo* entre 1939 e 1947. Descobri esse personagem no decorrer da pesquisa que desenvolvo no curso de Doutorado em História da UFRGS, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Rodeghero, sobre as articulações entre o mundo da política e o mundo da literatura a partir da militância de escritores de Porto Alegre no Partido Comunista do Brasil de 1927 a 1957.

Tanto a *Revista do Globo*, de circulação quizenal, como a Editora Globo – propriedades da família Bertaso – foram desdobramentos da livraria homônima, inaugurada em Porto Alegre no ano de 1883. Desde sua criação, a Livraria do Globo cumpriu uma importante função na literatura gaúcha. Ela abrigava um grupo seletivo de literatos e homens da política, que cultivavam o hábito de se reunirem à tarde em suas dependências, onde fumavam, discutiam política e/ou literatura e apreciavam o *footing*.<sup>1</sup> Nesses encontros informais à porta da Livraria, ou no gabinete de Mansueto Bernardi

---

\* Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Simone Rodeghero. E-mail marisangelamartins@gmail.com

<sup>1</sup> VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p.3-7 e14-17

(funcionário da casa e primeiro diretor da *Revista do Globo*), escritores já consagrados e então poderosos homens da política estadual – como Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha – discutiam assuntos diversos – entre eles, política e literatura – contribuindo para a definição da pauta dos problemas legítimos e dos princípios organizadores da produção literária. Essas escolhas eram orientadas por referenciais estéticos, mas também por convicções políticas. As reuniões, assim, mais do que entretenimento, configuravam-se práticas sociais que funcionavam como instâncias de consagração. E, uma vez definidos e oficializados os critérios legítimos, estes homens deles se apropriavam, impondo estilos e legitimando sua produção e seu lugar no pólo dominante da esfera cultural da cidade e do estado. No entanto, as decisões desse restrito grupo eram divulgadas, reconhecidas e oficializadas de forma dispersa nos impressos em que esses homens publicavam. Partiu de Getúlio Vargas a sugestão de criação de uma revista que congregasse essa produção. Mansueto Bernardi, décadas depois, relembrou esse momento: “Sem qualquer vanglória, posso considerar-me o pai da criança Revista do Globo; a mãe nutriz foi a Livraria do Globo, tendo servido como obstétrico o Presidente Getúlio Vargas”.<sup>2</sup>

2

Ao longo da década de 1930, o quinzenário se consolidou como o mais importante meio de aglutinação dos intelectuais em âmbito regional, e a editora acumulou boa parte dos recursos que a colocariam entre as três maiores casas editoriais brasileiras.<sup>3</sup> Ambas constituíram-se nas principais instâncias de consagração da literatura produzida no Rio Grande do Sul até pelo menos a década de 1960. Quando Justino Martins assumiu a direção do impresso, em 1939, deparou-se com uma publicação ciosa da tradição e bastante conservadora.

Justino foi revisor de tudo o que a Editora Globo produziu no final da década de 1930, desde romances policiais até tratados de Medicina. Depois de um ano nessa função, assumiu o comando da *Revista do Globo* em 1939 e permaneceu na direção por quase dez anos. Há evidências da ligação de Justino com o comunismo desde, pelo menos, o começo da Guerra Civil Espanhola.

---

<sup>2</sup> Um pouco da história da Revista do Globo. Três depoimentos. Mansueto Bernardi, Justino Martins, Erico Verissimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XXXIV, nº813, fev. 1962, p.41

<sup>3</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.149-158

Com Justino Martins, ocorreu uma sensível mudança na linha editorial desse periódico. O quinzenário passou a divulgar reportagens (inúmeras produzidas pelo próprio Justino) abordando aspectos da vida dos populares (como a gafeira e o candomblé) e graves problemas sociais, apresentados sempre em tom denunciativo, tais como a miséria nas principais capitais brasileiras, a marginalização do gaúcho que vivia no campo, os meninos que trabalhavam como jornaleiros, os menores abandonados e os moradores de rua. Essas reportagens contrastavam com a linha adotada pela revista até então, quando predominavam fotografias de eventos sociais relacionados a membros das destacadas famílias sul-rio-grandenses, ou matérias bajulatórias sobre grandes figuras da política nacional. Uma segunda ordem de modificações efetuadas na *Revista do Globo* pelo jornalista de Cruz Alta disse respeito à difusão de notícias acerca do comunismo e da União Soviética. Ao contrário de seus antecessores (principalmente Erico Verissimo e Luiz Estrela) – que, na maioria das edições sob suas responsabilidades, reservaram espaço para matérias críticas, quando não abertamente hostis, a esses temas – Justino Martins publicou reportagens e artigos em defesa dos Aliados, alguns deles profundamente simpáticos à União Soviética, ao Exército Vermelho, à literatura e aos literatos russos, bem como ao povo soviético e seus costumes.<sup>4</sup>

No início da década de 1940, a polícia interceptou várias correspondências enviadas por Tito Batini – escritor e dirigente do PCB em São Paulo – para Justino Martins, por meio das quais Batini pedia o empenho de Justino no sentido usar todos os meios que estivessem ao seu alcance para manifestar apoio ao governo Vargas em sua decisão de declarar guerra ao Eixo e de combater os integralistas.<sup>5</sup> Essa era a posição oficial do PCB naquele momento, conhecida como a tática da União Nacional.<sup>6</sup> Justino

---

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre a presença do comunismo e da União Soviética na *Revista do Globo* especialmente na Era Vargas, cf. MARTINS, Marisângela T. A. O Comunismo e a União Soviética nas páginas da *Revista do Globo* (1930-1945). *História em Revista*, Pelotas, v.16, pp.91-114, dez. 2010.

<sup>5</sup> NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado pelo Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943; F.00393: Relatório de autoria do inspetor João Alberto Vieira para São Paulo datado de 3 de outubro de 1944.

<sup>6</sup> Para União Nacional, cf. BATTIBUGLI, Thaís. *A Solidariedade Antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004; KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea. O PCB em 1937-1938*. São Paulo:

Martins publicou reportagens e artigos agressivos em relação aos países do Eixo e um número crescente de textos em defesa dos Aliados, com destaque, como já mencionado, para a União Soviética, o que nos parece uma evidência de que ele procurou satisfazer as instruções dos dirigentes do Partido e de que sua militância política influenciou claramente na decisão do que publicar e de como divulgar determinados assuntos na revista do velho Bertaso.

E isso preocupava amigos da família Bertaso. José Otávio Bertaso – um dos herdeiros dos empreendimentos Globo – relatou em livro de memórias que, no final dos anos 1930,

as tendências políticas de mestre Justino e de seus principais colaboradores eram nitidamente esquerdistas, “Gente de Moscou”, como sentenciou um amigo da casa em conversa com meu avô José Bertaso: “Bertaso, tu, teus sócios e teus filhos estão sentados em cima de um vulcão que poderá explodir a qualquer momento”, declarou em tom melodramático. “Tudo o que se relaciona com a Guerra Civil Espanhola é nitidamente a favor do governo espanhol, que presentemente está sob absoluto controle dos comunistas”. E continuava ante o semblante sério do meu avô: “Bertaso, a tua revista não foi capaz de mencionar que a partir de maio de 1937 os comunistas passaram a perseguir e expurgar do governo todos os outros partidos de esquerda e a desarmar e prender suas milícias que estavam no front. Prenderam e até agora estão fuzilando muita gente”.[...] <sup>7</sup>

4

Alguns relatórios policiais indicam a possibilidade de Justino Martins ter sido um membro influente do Partido Comunista no Rio Grande do Sul, chegando, inclusive, a ocupar um cargo no secretariado de Porto Alegre. Esse dado, embora ainda não confirmado por fontes de outras naturezas, aponta para uma possibilidade extremamente importante, pois não era qualquer militante que chegava a um cargo na estrutura partidária. Os secretários do Partido faziam parte de uma elite, uma minoria valorizada por seu desempenho no cumprimento das “tarefas” – que, no jargão comunista, significava um trabalho irrecusável e inquestionável, uma missão.<sup>8</sup> O revolucionário que ocupava um lugar no secretariado do PCB dificilmente o conseguia por indicação.

---

Hucitec, Unesp, 2003; PRESTES, Anita L. *Da insurreição Armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945). A Virada Tática na Política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

<sup>7</sup> BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993. p.167

<sup>8</sup> FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.88-99

Ele tinha que provar – com dedicação integral e comprometimento existencial – que concentrava as atribuições necessárias para tal.

As fontes disponíveis e consultadas até o momento mostram que Justino Martins não era um comunista discreto. Isso poderia ser um problema para seus patrões, se seu trabalho de não conquistasse tanto sucesso. O jornalista Carlos Reverbel comentou em suas memórias que o Velho Bertaso valorizava a competência do comunista na direção da *Revista do Globo*, que a força de trabalho e a inteligência caracterizaram o seu perfil editorial, fazendo-o, “de todos os empregados da Livraria do Globo, o que tinha mais prestígio junto ao velho Bertaso. A revista, ao contrário da editora, sempre dava lucro, um lucro cavado pelo talento do seu diretor, o que era muito valorizado por Bertaso.”<sup>9</sup>

É possível que essa tenha sido a razão para o patriarca da Globo demorar para adotar maior controle sobre o comunista. Em carta enviada ao escritor Viana Moog em outubro de 1942, Erico Verissimo desculpou-se com o amigo por conta de uma desagradável nota sobre ele publicada por Justino Martins na *Revista do Globo*. Verissimo se explicou:

O Justino é um sujeito inteligente e vivo, mas duma leviandade de garoto de doze anos. Essa irresponsabilidade tem dado dores de cabeça tremendas a todos nós. Complicações com a censura, com particulares... o diabo. O velho B. me pediu encarecidamente para censurar a Revista daqui por diante, afim de evitar complicações.<sup>10</sup>

A transformação pela qual a *Revista do Globo* passou quando esteve sob os cuidados de Martins fica-nos evidente, ainda, através de um terceiro aspecto: ele deu notoriedade para uma série de gravuristas, jornalistas, tradutores, poetas, contistas e romancistas sabidamente comunistas. Alguns escritores que conquistaram espaço na revista foram Afonso Schmidt, Álvaro Moreyra, Aparício Torelly (Barão de Itararé), Dalcídio Jurandir, Dyonélio Machado, Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado, Lila Ripoll, Moacir Werneck de Castro, Nelson Werneck Sodré, Oswald de Andrade,

<sup>9</sup> BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbel*. Textos escolhidos. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006. p.739-740

<sup>10</sup> Apud. BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p.121-122

Oswaldo Peralva e Tito Batini. Dispor de amplo espaço para poder publicar e receber críticas sobre seus textos em um veículo conceituado como a *Revista do Globo* representava muito para intelectuais comunistas nos difíceis tempos do Estado Novo em termos de consagração literária.

Em Porto Alegre, havia outros canais para publicação, como o caderno de literatura do jornal *Correio do Povo* e pequenas editoras. Mas a Livraria, a Editora e a Revista do Globo monopolizavam o processo de reconhecimento literário: a casa editava, a revista dava notoriedade (através de publicações prévias de poemas e de capítulos de romances, ou de críticas elogiosas à obra e ao autor) e a livraria vendia e distribuía. Ademais, a família Bertaso e os “amigos da Globo” promoviam jantares e coquetéis em homenagem aos escritores queridos da casa. Fazer parte do grupo da Globo significava participar dos elos que compunham o circuito de consagração.

Justino Martins conquistou confiança suficiente para produzir matérias com forte crítica social; para veicular reportagens positivas sobre Stalin, a União Soviética e a literatura russa; e para abrir espaço para escritores e jornalistas comunistas como ele. Através dessas medidas, o cruz-altense pode ter contribuído para amenizar a desconfiança com que o comunismo e os comunistas eram vistos pelos leitores da revista e, conseqüentemente, escritores ligados ao PCB puderam divulgar seus trabalhos em terreno mais receptivo.

O escritor e médico psiquiatra Dyonélio Machado, por exemplo, depois de encarar o cárcere com companheiros envolvidos nos levantes de 1935, continuou sendo perseguido pela polícia durante o Estado Novo, foi destituído do cargo que ocupava no Hospital Psiquiátrico São Pedro, enfrentando o estigma de ser comunista. Justino Martins publicou capítulos do livro *O Louco do Cati*, editado pela Globo<sup>11</sup>. Ele explorou o processo de criação do romance<sup>12</sup>, cedeu espaço para críticas ao novo livro de Machado<sup>13</sup>, contribuindo para manter o amigo em evidência, visto que, fora as

---

<sup>11</sup> O Louco do Cati. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.307, 08/11/1941, p.46-51

<sup>12</sup> Um livro escrito na cama. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.305, 11/10/1941, p.32-33

<sup>13</sup> Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIII, n.300, 26/07/1941; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.313, 07/02/1942, p.16; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.316, 28/03/1942, p.16; Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.321, 20/06/1942, p.16; Dyonelio Machado e a Tragédia do Cati. *Revista do*

iniciativas de Martins na *Revista do Globo*, o livro de Dyonélio foi cercado pelo silêncio.<sup>14</sup>

A poetisa Lila Ripoll, de modo semelhante, contou com a influência de Justino Martins para ser reconhecida no disputado e masculinizado mundo da literatura. Em 1938, publicou seu primeiro livro de poesias, *De mãos postas*, editado pela Globo. Na época, foi elogiada pelo *Jornal do Brasil* e pelo *Correio do Povo* como “uma das mais vivas e sutis expressões da poesia feminina do Brasil” e como “a grande voz poética da mulher gaúcha”.<sup>15</sup> Em 1942, ao publicar *Céu Vazio* também pela Editora Globo, Lila foi destacada por Justino Martins como uma grande contribuição para a poesia moderna brasileira, como legítima representante de toda a cultura sul-rio-grandense.<sup>16</sup> Ou seja, Justino colocou a poetisa comunista no mesmo nível dos homens produtores de literatura consagrados no Rio Grande do Sul.

É importante destacar que, após a saída do jornalista de Cruz Alta da direção da *Revista do Globo* e com a consolidação do novo cenário geopolítico internacional em torno da Guerra Fria, esses comunistas foram paulatinamente lançados ao ostracismo, sendo resgatados como representativos da literatura gaúcha décadas depois. É importante destacar também que trabalho acadêmico algum sobre a *Revista do Globo*, bem como a editora e a livraria, menciona a ligação de Justino Martins com o comunismo.<sup>17</sup> Tais lacunas evidenciam um processo de resgate de um passado que exclui a relação que esses personagens tiveram com o movimento comunista. Talvez

7

---

*Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.323, 25/07/1942, p.8-9; O Louco do Cati. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XIV, n.328, 17/10/1942, p.74-75

<sup>14</sup> GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997. p.70

<sup>15</sup> MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998. p.368

<sup>16</sup> Escritores e Livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, Ano XV, n.344, 24/07/1943, p.16-17

<sup>17</sup> Alguns dos trabalhos consultados foram: BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008; DALMÁZ, Mateus. *A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002; MOREIRA, Alice Terezinha Campos (Org.). *As interfaces literárias da Livraria do Globo. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, Vol.11, nº1, nov. 2005; TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. *Editora Globo*. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. 1988. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Cultura Brasileira da PUCRS, Porto Alegre, 1988.

por trás dessa seleção esteja a intenção de apresentar o universo literário dos anos 1930 e 1940 como algo isolado do universo da política. Essa é uma hipótese que remete a uma outra problemática e, para esclarecê-la, será necessário analisar o processo de construção da produção dos escritores comunistas como textos representativos da literatura gaúcha e brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Karina Ribeiro. *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BATTIBUGLI, Thaís. *A Solidariedade Antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.

BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbél*. Textos escolhidos. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.

DALMÁZ, Mateus. *A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária*. Análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea. O PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003.

MARTINS, Marisângela T. A. O Comunismo e a União Soviética nas páginas da *Revista do Globo* (1930-1945). *História em Revista*, Pelotas, v.16, pp.91-114, dez. 2010.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOREIRA, Alice Campos. Memória. In: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1998.



VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

\_\_\_\_\_. (Org.). As interfaces literárias da Livraria do Globo. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, Vol.11, nº1, nov. 2005.

PRESTES, Anita L. *Da insurreição Armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945). A Virada Tática na Política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. *Editora Globo. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. 1988. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Cultura Brasileira da PUCRS, Porto Alegre, 1988.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.